

RESISTÊNCIA E REPRESENTATIVIDADE DO MOVIMENTO NEGRO: UMA PROPOSTA PARA A EJA/FPOLIS

Bruna Moraes da Silva*

Daniela Marangoni Costa**

Resumo: O artigo, elaborado durante o estágio obrigatório de licenciatura em História na Universidade Federal de Santa Catarina, pretende discutir sobre a resistência e representatividade do movimento negro na cultura midiática nas Américas, destacando a importância de se falar sobre o tema com os/as estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de Florianópolis. A intenção é contribuir para que os/as estudantes desenvolvam um olhar crítico sobre a vivência negra na sociedade brasileira, tendo o/a professor/a relevante papel de mediador/a e facilitador/a na elaboração de pesquisas significativas e na reflexão sobre como o ensino de História pode contribuir nesse processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado de História. Educação de Jovens e Adultos. Ensino de História. Movimento Negro. Resistência. Representatividade.

Introdução

Este artigo tem como objetivo questionar as representações de negros e negras na mídia e discutir as formas de resistência adotadas pelo movimento negro para combater o preconceito e a discriminação racial. O projeto de ensino do qual é resultado foi desenvolvido junto às turmas de segundo segmento¹ do núcleo Centro III de Educação de Jovens e Adultos do município de Florianópolis (EJA), sediado na Escola Municipal Donícia Maria da Costa, com o auxílio dos professores da escola, supervisão da coordenadora do núcleo de EJA, a professora Rosemar Ucha Peres, e a orientação da professora Joana Vieira Borges na universidade.

¹ A EJA é organizada em dois segmentos: o primeiro se refere ao ciclo básico (anos iniciais do ensino fundamental) e o segundo é dividido em três ciclos, básico, complementar e final (relativos aos anos finais do ensino fundamental). O aluno completa cada ciclo após finalizar 800h para o primeiro segmento e 1600h para o segundo. Cf. PMF, 2012, p. 2-4.

* Graduanda do curso de Licenciatura e Bacharelado em História da Universidade Federal de Santa Catarina - email: moraesbruna.m@gmail.com

** Graduanda do curso de Licenciatura e Bacharelado em História da Universidade Federal de Santa Catarina - email: danielamarangonic@gmail.com

Nosso objetivo inicial era compreender o princípio educativo de “ensinar pela pesquisa” realizado pela EJA/Florianópolis e seu desenvolvimento no núcleo, bem como perceber a realidade dos estudantes, seus interesses, dúvidas e curiosidades. Esse princípio assume “[...] o caráter da pesquisa como meio de desenvolvimento de potencialidades necessárias à realização humana.” (PMF, 2012, p. 4).

Após a leitura e discussão de textos sobre a EJA em seus diferentes aspectos (leis, normas, relatos de vivência e outros), iniciamos nossa investigação e participação no campo de estágio, onde tivemos contato direto com a proposta da EJA e os alunos da turma I do segundo segmento. A EJA em Florianópolis funciona de uma maneira diferente do ensino regular, pois tem uma proposta na qual:

O curso de Educação de Jovens e Adultos no segundo segmento, referente às séries finais do Ensino Fundamental, é planejado e organizado, principalmente, através de pesquisas em grupo de poucas pessoas. Estas pesquisas originam-se a partir de perguntas (problemáticas) do interesse e necessidade dos alunos. A turma de alunos é organizada e composta por alunos já alfabetizados de todas as séries e idades. (PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS, 2008, p. 18).

Posteriormente à análise dos textos sobre a EJA/Fpolis e às discussões na universidade, compreendemos a importância de trabalhar temas que pudessem propor reflexões sobre questões atuais e do cotidiano dos estudantes. Nesse sentido, nossa turma de estágio composta por dez graduandos, junto à professora Joana Vieira Borges e à coordenadora do núcleo Rosemar Ucha Peres, decidiu por problematizar diferentes tipos de movimentos sociais que pudessem mobilizar os conhecimentos e interesses dos estudantes expressados em suas pesquisas e vivências.

Observamos a necessidade de trabalhar os movimentos negros e algumas de suas reivindicações no decorrer dos processos históricos, adotando uma perspectiva para a educação das relações étnico-raciais (MEC, 2016), após um número significativo de relatos de alunos que passaram ou passam por situações racistas, de abuso de autoridade e comentários preconceituosos, além de estarmos presentes no momento em que dois alunos foram agredidos por policiais próximo à escola ao se encaminharem para a aula.

Nosso intuito era discutir a atuação e importância do movimento negro, as representações de negros e negras nas produções culturais midiáticas, as estratégias de resistência negra, e o combate ao preconceito e à discriminação racial no âmbito escolar e cotidiano. Era de nosso interesse, sobretudo, contribuir para a elaboração de práticas de

ensino de história que possibilitem a promoção da educação para as relações étnico-raciais.

A Experiência na EJA Florianópolis

O núcleo Centro III da EJA de Florianópolis em que atuamos ao longo do ano atende, majoritariamente, pessoas de classes econômicas baixas que vivem em comunidades próximas ao núcleo, marginalizadas em relação à saúde, à cultura, ao emprego e à moradia. Por sua vez, esses estudantes – cada vez mais jovens – são predominantemente negros, que tanto no comportamento escolar (dividido entre dificuldades de aprendizado, desinteresse e timidez), quanto na observação externa (rebeldia contra representantes e enfrentamento à violência policial), sofrem os efeitos das discriminações e exclusões. Em relação aos dados citados sobre os/as estudantes da EJA, a pedagoga Joana C. Passos afirma que estes:

(...) informam que a modalidade de Educação de Jovens e Adultos tem se constituído uma alternativa para a população negra, em especial para os jovens; e expressam que a escola é parte constitutiva de seus projetos de vida: 75% dos estudantes jovens e adultos que participam do Programa Brasil Alfabetizado são negros e 54% dos estudantes que frequentavam a EJA, em cursos presenciais, em 2008, eram negros. Na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, eram 35,3% os estudantes negros no ano de 2009. (PASSOS, 2010, p. 128).

Não é recente também o problema da atuação militar informal com grupos sociais marginalizados, como comunidades e jovens negros. Além da discriminação social, vivenciam também uma grande violência por parte da polícia, tratados como suspeitos nos problemas de desordem ou descumprimento de alguma lei. Muitas vezes, sem que haja um processo formal ou investigação, acabam sofrendo a ação repressiva violenta da polícia².

Percebendo a realidade escolar e social, Nilma Lino Gomes (2003, p. 171) defende que:

Nessa perspectiva, quando pensamos a escola como um espaço específico de formação, inserida num processo educativo bem mais amplo, encontramos mais do que currículos, disciplinas escolares, regimentos, normas, projetos, provas, testes e conteúdos. A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua

² Entre os anos de 2009 e 2011, 939 casos de ações policiais foram analisados. O resultado aponta que 61% das vítimas de morte por policiais eram negras. No âmbito infanto-juvenil, os dados são mais alarmantes: entre 15 e 19 anos, duas a cada três pessoas mortas pela PM são negras. Cf. LUNA, 2014.

cultura, na escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las.

Seguindo a colocação acima em relação à importância e a função da escola na promoção da diversidade cultural, e também de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (MEC, 2004, p. 10), que “procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade”, entendemos como relevante promover o debate a respeito do movimento negro no Brasil para os jovens e adultos da EJA no núcleo Centro III.

Por isso, além de conhecer mais sobre o movimento negro, é relevante retratar o tema para que os alunos possam reconhecer esses debates (bem como a importância histórica desse movimento) e atuarem de forma crítica em relação à sociedade em que vivem. A relevância dessa intervenção fica ainda mais evidente ao percebermos que na Resolução nº 02/2010 do Município de Florianópolis, estão estabelecidas normas e diretrizes para a Educação de Jovens e Adultos, constando no Artigo 3º, inciso “II – compreender o ambiente natural e social, o sistema político, a economia, a tecnologia, as artes, a cultura, e os valores em que se fundamentam a sociedade” e no inciso “V – compreender e atuar de forma crítica, participativa e dialógica na realidade social”.

Uma vez que o projeto de intervenção propôs discutir um movimento social que abrange não só um tema assegurado por lei para a educação nacional, mas que também vai ao encontro dos anseios das propostas da EJA/Florianópolis, é possível compreender sua relevância para os estudantes inseridos nessa realidade. Seja por meio de movimentos e atos pacíficos, da utilização da cultura, imagens de figuras políticas e históricas por ações heroicas, ou até mesmo da resistência física, desejam denunciar as falhas e realidades vividas e adquirir melhores condições, oportunidades, direitos e lugares na liberdade de ação na cultura e sociedade.

Movimento Negro no Ensino de História na EJA/Florianópolis

Reafirmando a perspectiva de Gomes a respeito da função da escola na promoção da diversidade, entendemos como relevante promover o debate a respeito do movimento negro para os jovens e adultos da EJA no núcleo Centro III por sua premissa legislativa e sua importância ao se relacionar com a vivência dos/das estudantes.

O movimento negro no Brasil conseguiu importantes conquistas, como, por exemplo, a criação da Frente Negra Brasileira (FNB) em São Paulo, na década de 1930. Segundo Domingues (2006, p. 106), essa entidade ganhou outros homônimos pelo país e representou muito para a população, pois além de serviços básicos que oferecia para os negros (escola, departamento jurídico, serviço médico, entre outros), tornou-se, posteriormente, partido político, até a extinção dos partidos em 1937, durante o Estado Novo. Ainda de acordo com o autor (2006, p. 114), o movimento negro voltou a tomar força, entrando nas pautas das lutas no âmbito nacional, com o fim da ditadura militar (1964-1985), expandindo seu número de militantes e realizando diversas manifestações. Conseguiram então a criação do Movimento Negro Unificado, coletivo com o objetivo de lutar e representar os negros no país, buscando entre diversas pautas, a introdução do ensino de História da África e do Negro no Brasil nas escolas brasileiras a partir de uma perspectiva de educação para as relações étnico-raciais, obrigatoriedade alcançada por meio de lei em 2003 (Lei 10.639/2003)³.

Ainda, seguindo os anseios do movimento, é relevante perceber a importância do posicionamento perante à sociedade que os marginaliza, o empoderamento e a representação daqueles que atuam ou são representados pelos movimentos a fim de estimular a reflexão dos alunos para que identifiquem no tema características presentes em seus cotidianos. Gomes (2012, p. 734) afirma que “é oportuno destacar ainda dois outros [aspectos]: a centralidade dada pelo movimento negro à raça como construção social, acompanhada da sua ressignificação e politização, e a explicitação da complexa imbricação entre as desigualdades sociais e raciais”.

Com o intuito de tomarmos um grupo específico que servisse de exemplo de outros tantos ao longo da história para a discussão a respeito do movimento negro e a questão da representatividade e resistência, selecionamos o movimento norte-americano

³ “LEI N o 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Altera a Lei n o 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática; História e Cultura Afro-Brasileira, e dá outras providências”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 30 set. 2018.

dos Panteras Negras da década de 1960, que questionaram as situações de violência e marginalização da população negra nos Estados Unidos.

Quando falamos de resistência, entendemos como as formas pelas quais os movimentos negros enfrentam situações cotidianas de racismo, abuso policial, marginalização social e educacional, entre outros. Discutimos o conceito de representatividade problematizando produções artísticas e comerciais recentes que tem ampla circulação entre os jovens - como, por exemplo, um filme e uma música - com o objetivo de identificarmos e debatermos a valorização da cultura afro nas mídias. Nosso intuito era perceber se os estudantes reconheciam esses conceitos enquanto práticas e comportamentos em suas vivências, e que sentimentos e questionamentos ambos despertavam em cada um.

O movimento dos Panteras Negras, de acordo com Johnson (2012, p. 93), tornou-se um partido negro revolucionário norte americano que tinha por objetivo reivindicar direitos e melhores condições sociais, promover a luta contra o racismo e fez uma forte crítica à história escravagista dos Estados Unidos da América e as permanências de suas políticas de segregação e marginalização. Um dos pontos debatidos pelo Panteras Negras era o direito à educação, destacando a necessidade de ensinar a história de acordo com a perspectiva dos afro-descendentes, um ponto de vista diferente da história contada pelos brancos colonizadores, logo, incentivando uma nova perspectiva da realidade da qual se inseriam.

Além disso, selecionamos um filme e uma música que tratam da representatividade negra e geram muitas discussões positivas no país, no caso da música, e no mundo todo com o filme. Dessa maneira, conseguimos não apenas trabalhar com a construção de conceitos (representatividade e resistência) já descritos anteriormente neste projeto, bem como com diversas fontes, o filme, a música e a fotografia, em diálogo com ritmos musicais e produções artísticas que fazem parte do cotidiano dos jovens do núcleo do EJA em questão, possibilitando um sentimento de reconhecimento para com os assuntos abordados.

O uso didático de filme e música no Ensino de História

Com base nessas constatações, recorreremos, para auxiliar nosso debate sobre o movimento negro, a duas ferramentas que tangem o cotidiano dos/das estudantes da EJA,

sendo o primeiro o filme do *Pantera Negra* (2018) e a música *Mandume*, do cantor e compositor Emicida.

No caso de *Pantera Negra* (*Black Panther*), lançado em 2018, um artigo publicado no Jornal da USP afirma que o filme alcançou a marca de 5ª maior bilheteria de estreia na história dos EUA, e configurou um grande avanço da representatividade negra nas telas de cinema (representatividade midiática) (LUCENA, 2018). A mestrandia em sociologia pela Universidade de São Paulo, Thaís Santos, afirma que “Quando a gente chega em 2018 com a Marvel fazendo o primeiro filme de um super-herói negro, é fundamental e muito importante quando pensamos em representatividade”.

A utilização de filmes em sala de aula é uma metodologia de ensino que vem sendo cada vez mais comum na educação brasileira, e, entre os meios de comunicação, o cinema tem despertado o interesse dos professores e alunos quando se trata de uso de audiovisuais no espaço escolar. A professora Katia Maria Abud, afirma também que “a aceitação do filme como documento resulta do abandono da concepção de História da escola metódica [...]” (2003, p.03) tornando possível o desenvolvimento de um novo modo de pensar e fazer a historiografia e o ensino de história por meio de documentos culturais e não oficiais.

Já sobre a música *Mandume*, que leva o nome de um rei angolano que resistiu às tentativas de invasões alemãs no seu país, é a número 12 do álbum “Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa”, do cantor e compositor Emicida, lançado em 2015. O videoclipe foi lançado em dezembro de 2016 e aborda, tanto na letra quanto na melodia pesada, uma mensagem de resistência e representatividade do movimento negro e suas pautas para com os problemas sociais que enfrentam, desde preconceitos, a supremacia branca e as reiteradas tentativas de silenciamento dos anos de escravidão que até hoje refletem nas condições de marginalização das populações negras.

Acreditamos que abordagens críticas e analíticas de diferentes fontes históricas e linguagens em sala de aula, além de serem uma possibilidade para além dos livros didáticos ou documentos oficiais, promovem o diálogo com os saberes dos alunos e podem estimular os professores à compreensão de outras perspectivas sobre as metodologias de ensino. Podem ainda estimular a atenção dos alunos e oferecer novas abordagens sobre os conteúdos de História, criando condições para pensar, argumentar e fundamentar opiniões. Logo, essas fontes nos ajudam a pensar uma metodologia diferenciada que traz possibilidades para a proposta educativa da EJA/Florianópolis e seu princípio educativo de “ensinar pela pesquisa”.

Análise de Fontes

Uma das fontes utilizadas, além dos autores citados ao longo deste artigo, fora o Projeto de Ensino elaborado para a disciplina de Estágio Obrigatório I, durante o primeiro semestre de 2018, o planejamento descritivo da oficina que realizamos e os materiais didáticos produzidos para a ação, onde tratamos uma cena selecionada do filme *Pantera Negra*, a letra da música *Mandume* impressa (entregue para cada aluno), *slides* elaborados pela dupla de estagiárias com diversas imagens para representar e estimular a reflexão e uma ficha de exercícios que deveriam ser realizados individualmente. Em um primeiro momento, uma semana antes da oficina, realizamos uma “sessão cinema” com os alunos, ocasião na qual assistimos todos juntos ao filme. Em relação ao uso de trechos na oficina, como na EJA/Fpolis a educação é voltada mobilizar os interesses dos alunos, acreditamos que a proposta de utilizarmos trechos de um filme da cultura juvenil para debatermos a questão da representatividade negra seria positiva e poderia motivá-los em relação ao conteúdo, pois o filme não é apenas uma questão de entretenimento, mas uma outra forma de diálogo.

Propusemos também a análise de uma música como atividade de análise de fontes em sala de aula, metodologia discutida por autoras como Bittencourt (2005) e Abud (2003). Após a explicação inicial da atividade e a distribuição impressa da letra da música a cada um dos estudantes, apresentamos, por meio de *slides*, dados sobre quem escreveu a música, quando e como, para, em seguida, exibirmos o videoclipe.

Em seguida, destacamos alguns trechos da música que possibilitavam a discussão a respeito da representatividade e a resistência. Demos início a um debate com os alunos sobre como eles percebiam em suas vivências cotidianas a discussão proposta pela letra da música e qual a relação dela com o tema tratado na oficina.

Nossa intenção também foi propor aos estudantes reflexões básicas que devemos realizar ao nos vermos diante de diferentes tipos de documentos que possam servir de fontes para as nossas pesquisas e curiosidades. Para tanto, seguimos a proposta da professora Circe Bittencourt (2005, p. 334) para o trabalho com documentos em sala de aula. Segundo Bittencourt, primeiro devemos descrever o documento e suas informações complementares, o que foi feito com a música e o filme, conforme já relatado.

Além disso, desejamos também estimular a consciência da importância do movimento negro e algumas figuras da cultura brasileira para representar a comunidade

e as pautas do movimento na sociedade, além do posicionamento artístico na produção de conteúdo para as mídias e as indústrias que ainda são, majoritariamente, ocupadas por brancos no país.

Oficina na EJA/Florianópolis

Durante nossa atuação na EJA/Florianópolis no ano de 2018, realizamos diferentes atividades, como, por exemplo, orientamos os/as estudantes no desenvolvimento de suas pesquisas, elaboramos um projeto de ensino e ministramos uma oficina. Nossa oficina de estágio, intitulada “Movimento Negro: Resistência e Representatividade”, aconteceu no dia 28 de setembro de 2018, uma sexta-feira, durante todo o período noturno (das 19h00min às 21h40min) na EJA/Florianópolis – Centro II.

O objetivo geral da oficina era discutir a atuação e importância do movimento negro, as representações de negros e negras nas produções culturais, as estratégias de resistência negra, e o combate ao preconceito e à discriminação racial no âmbito escolar e cotidiano dos/das estudantes da EJA.

Antes da oficina, no dia 21 de setembro de 2018, promovemos uma sessão de cinema com pipoca para os/as estudantes para a exibição do filme *Pantera Negra*. A maior parte dos alunos não tem condições de frequentar os cinemas da Grande Florianópolis, dessa forma pensamos em exibir o filme (dublado) com o intuito de proporcionar um momento de integração e descontração entre/com os estudantes, além de ser pertinente para o debate da nossa Oficina, que seria realizada na sexta-feira seguinte. Pedimos, ao iniciar o filme, que ficassem atentos às cenas que mais os impressionassem ou em elementos que chamassem a atenção para comentar conosco na próxima semana.

Com o auxílio de recursos como *slides* em *powerpoint* e caixas de som, iniciamos a oficina questionando ao grande grupo se conheciam algo a respeito do movimento negro, por quais motivos lutavam e o que sabiam sobre resistência e representatividade. Após dialogar com os saberes prévios dos alunos, que até o momento estava pouco participativos, explicamos os conceitos mencionados com base nas leituras estudadas para a elaboração do projeto, conforme já informado neste artigo, além de contar com as imagens exibidas nos *slides* com, por exemplo, a fotografia de crianças negras que sorriam felizes ao lado de bonecos e super-heróis negros.

Na sequência, trabalhamos o contexto histórico do movimento dos Panteras Negra nos Estados Unidos, fornecendo elementos característicos da época para que os alunos

pudessem refletir sobre os feitos do Movimento e o impacto que este gerou no presente momento que vivemos. Informamos também sobre as repercussões internacionais que o Movimento gerou, de forma que apenas um símbolo que por eles fora criado, pudesse ser utilizado por representantes do esporte em premiações mundiais, mostrando a notícia do protesto nas Olimpíadas em que os atletas ganhadores do ouro e bronze, Tommie Smith e John Carlos, respectivamente, fizeram o símbolo ao subir no palco⁴.

Estas informações eram apresentadas sempre de modo a contextualizar a importância que esses feitos tiveram para a época e dialogando com as dúvidas, até o momento ainda poucas, dos alunos. Mostramos também neste momento da oficina o último senso realizado no Brasil, quando, pela primeira vez na história, o número de pessoas brancas declaradas fora menor e o grande aumento dos que se viam como pardos e negros⁵, o que reflete a importância da problematização do racismo e da reflexão acerca das identidades que ao longo do tempo proporcionou o reconhecimento pessoal de um grande número de brasileiros com suas raízes.

Posteriormente, questionamos aos alunos sobre as impressões que haviam tido em relação ao filme que assistimos na semana anterior à oficina. Nesse momento da oficina o aumento de participação foi considerável, e os alunos ficaram confortáveis para expressar suas impressões, informando o que acharam de mais interessante, como, por exemplo, o fato do filme ser composto majoritariamente por artistas negros e apenas dois brancos, sobre o desenrolar da história, quando questionou-se até que ponto o vilão estava errado, e sobre as tecnologias que possuía o povo que era o tema central do filme. Aproveitando esses relatos, fizemos a comparação dos filmes comuns *hollywoodianos*, nos quais a maior parte dos atores são brancos e apenas alguns são negros, que dificilmente ocupam papéis de protagonistas. Falamos também sobre a importância de um filme com o elenco negro e mostrando força e poder dos atores e, principalmente, super-heróis envolvidos, para o debate sobre a representatividade. Debates com os alunos questões como, por exemplo, a demora para que um filme como o que tínhamos assistido fosse lançado, frente a tantos filmes de super-heróis brancos na história do cinema norte-americano. Aproveitamos também este momento para relacionar o filme com as novelas, levando dados a respeito da quantidade de personagens principais negros,

⁴ NOGUEIRA, 2012. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-maior-protesto-da-historia-das-olimpiadas>. Acesso em: 30 set. 2018.

⁵ VARELLA, 2011. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/04/29/brancos-sao-menos-da-metade-da-populacao-pela-primeira-vez-no-brasil.htm>. Acesso em: 30 set. 2018.

e com isso perceberam que foram muito poucos ao longo de toda a história da TV aberta. Os alunos destacaram ainda a recorrência dos negros na representação de personagens de classes sociais inferiores.

Ao fim do primeiro momento (primeira parte da oficina, que teve 1h de duração), também mostramos a cena que selecionamos para relembrar a parte em que o personagem principal é coroado, chamando a atenção para as características culturais presentes nas vestimentas, músicas, ritos e adereços. Antes do intervalo para a janta, pudemos ainda compartilhar com os alunos um vídeo disponível no *YouTube*⁶ onde atletas negros de todo o mundo repetem o gesto símbolo da resistência negra icônico no filme, demonstrando novamente a repercussão e a importância de *Pantera Negra* para o debate sobre a representatividade e a resistência negra no cotidiano, e a luta do movimento negro contra o racismo por meio da cultura midiática, que nos dias atuais tem bastante difusão entre os jovens.

Por ainda haver tempo neste primeiro momento, pudemos antecipar a parte do segundo momento da oficina, programada para após o intervalo, na qual apresentamos a história do Rei Mandume, de modo a contextualizar o nome dado à música com a qual iríamos trabalhar. Para tanto, distribuímos a cada um dos alunos uma folha com a letra da música e avisamos que ela seria exibida em videoclipe e analisada no retorno do intervalo.

No segundo momento da oficina, demos aos alunos 10 minutos para que pudessem ler a letra da música e pedimos que sublinhassem as partes que tivessem dúvidas ou achassem interessantes para que pudessem compartilhar e refletir como grupo. Em seguida, antes de apresentar o videoclipe, apresentamos o contexto de seu lançamento, que na data havia sido discutido pela primeira vez antes da aprovação, a medida que tiraria do ensino médio a obrigatoriedade do ensino de história, geografia, física, química, biologia, literatura e artes. Destas disciplinas, a história, a literatura e as artes são as que foram incumbidas e responsabilidade de abordar o ensino de história da África e da cultura afro-brasileira, por meio da lei aprovada em 2003, conforme já mencionado. Também levamos uma lista de referências que a letra aborda, onde cita locais, pessoas e acontecimentos relacionados à casos de racismo. Acreditamos ter sido importante levar e ler aos alunos a lista, para que estas referências pudessem ser compreendidas para melhor análise da canção. Então, reproduzimos o clipe.

⁶YOSSUNDARA, Anil. **Black Athletes using “Wakanda Forever” Salute to celebrates victories.** (2m04s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kq8eyCn2YZI>. Acesso em: 30 set. 2018.

Desse momento em diante, passamos a debater com os alunos aspectos e questões levantadas pela música e o videoclipe. Obtivemos a mesma participação que havíamos tido ao final do primeiro momento, ou seja, mantiveram-se interessados. Os alunos compartilharam experiências, fizeram questionamentos sobre o movimento negro e ainda dividiram impressões e partes da música que mais os teria chamado a atenção ou sido significativos. Apresentamos, em slides, um trecho de cada um dos cantores que participaram da música (que foram selecionados por nós previamente) e pedimos para que os alunos nos dissessem o que tinham pensado sobre ele ou a respeito de um outro trecho do mesmo artista. Dessa forma, todos os conteúdos e conceitos abordados na primeira parte da oficina foram revisados por meio dos trechos selecionados, uma vez que procuramos dar ênfase aos que citavam representatividade e resistência, bastante explorados pelos autores ao longo da canção. Os estímulos que demos para a participação dos alunos foram bem recebidos e poucas foram as partes em que nós tivemos que ler o trecho e explicar a mensagem que ele trazia, pois ao solicitarmos, alguns alunos prontamente participavam respondendo sobre o que abordava a letra.

A oficina, por fim, teve impacto muito positivo. A participação fora maior que a esperada, de acordo com o que observamos dos alunos em suas participações regulares em sala de aula e nas oficinas anteriores. Felizmente o tema gerou polêmicas saudáveis como: quem pode falar de racismo, quem pode fazer os gestos que são símbolos do movimento negro, e ficamos felizes possibilitar novos conhecimentos aos alunos, agregando aos seus saberes, e que explicam a história de muitas culturas vigentes em nosso dia-a-dia e que são de origem afro-brasileira. Os questionamentos levantados e as afirmações feitas pelos que participaram nos fizeram perceber que o conteúdo que objetivamos discutir com o tema foi contemplado em suas diferentes percepções e que, ainda melhor, gerou reflexões em grupo e até mesmo pessoais, sobre práticas do dia-a-dia que podem ser consideradas racistas e sobre se reconhecer como parte da cultura.

Por fim, em relação ao nosso desempenho, acreditamos que conseguimos alcançar o objetivo de gerar uma discussão relevante com os alunos e fomos ainda agraciadas pela participação voluntária deles, haja vista que caso não quisessem compartilhar conosco suas reflexões sobre o filme, o movimento negro e a música, teríamos de aplicar uma atividade complementar programada, mas que seria mais interessante ser feita em casa. Essa atividade consistia em uma tabela com requisitos para análise da música, a fim de que os alunos ouvissem novamente, prestando atenção naquelas características e, em seguida, fizesse anotações do que foi percebido, o que felizmente aconteceu.

Considerações finais

A elaboração do projeto de ensino e do planejamento da oficina trouxe a nós muito conhecimento acerca do tema e conteúdos que escolhemos abordar, com a realidade do núcleo da EJA que vivenciamos e ainda a respeito dos movimentos sociais.

O movimento negro ganha cada vez mais força desde o fim da escravidão, impulsionado, principalmente, por grupos como os Panteras Negras na década de 1960 nos Estados Unidos e, atualmente, com a representatividade negra sendo cobrada pelos movimentos sociais por mais espaço na mídia e também na educação escolar. A luta por mais espaço e igualdade gerou muitos ganhos, como, por exemplo, a aprovação de leis educacionais no Brasil (como a Lei n.10639/2003) e maior atenção governamental para questões como cotas, igualdade social e salarial, entre outras. Questões estas que apesar de já terem avançado ainda são temas de grandes polêmicas, principalmente com as questões da violência policial e o preconceito racial, que refletem na marginalização de adolescentes e adultos.

Dessa forma, torna-se ainda mais necessário e importante discutir as pautas do movimento e suas vitórias, para pensarmos e promovermos o respeito à diversidade, a igualdade de condições, o combate ao preconceito e à discriminação, e promover nas instituições escolares um ensino que contemple as relações étnico-raciais proposta pelas diretrizes nacionais de educação, como vimos ao longo do artigo. Além de discutir a legitimidade dos movimentos sociais para a obtenção de melhores condições de vida a todos.

A escolha de um filme sucesso de bilheteria mundial e uma música nacional, que refletem a realidade e a força do movimento negro, foram fontes centrais para que pudéssemos elaborar uma metodologia de ensino que instigasse o diálogo com as questões teóricas abordadas e aproximasse o conteúdo às vivências e trajetórias de vida dos alunos.

Percebida a importância do tema na realização do projeto de ensino e da oficina, confirmamos nossa hipótese inicial de interesse dos alunos pelo tema. Contudo, também observamos que no dia a dia da EJA muitos decidiam por não expressarem suas reflexões com o grupo, mas pudemos vê-los compartilhando conosco e com os colegas conhecimentos, experiências e percepções que foram ao encontro dos nossos objetivos com a oficina, que consistiam em gerar uma reflexão crítica à sociedade e ao racismo no

tempo presente, compreender a importância da resistência negra e sua busca por representatividade, a fim de poder conquistar, seja por meio de um partido político, como os Panteras Negras, ou por meio da arte e da educação, a igualdade étnico-racial efetiva que desejamos.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria. A construção de uma Didática da História: :algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino. **História e outras linguagens**, São Paulo, v. 1, n. 22, p.183-193, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v22n1/v22n1a08.pdf>>. Acesso em: 16 maio 2018.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Uso didático de documentos. In: **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez Editora, 2005. Cap. 1. p. 327-407.

CAMPOS, Ana Cristina. **População brasileira é formada basicamente de pardos e brancos, mostra IBGE**: São 95,9 milhões de pardos, representando 46,7% do total. Rio de Janeiro, 2017, Agência Brasil. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-11/populacao-brasileira-e-formada-basicamente-de-pardos-e-brancos-mostra-ibge>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

FAHS, Ana C. Salvatti. **O Movimento Negro**. 2016. Politize! Disponível em: <<http://www.politize.com.br/movimento-negro/>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

GOMES, Nilma Lino. Educação, Identidade Negra e Formação de Professores/as: Um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educ. Pesq.**, São Paulo, v. 29, n. 1, p.167-182, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1.pdf> . Acesso em: 19 abr. 2018.

GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro e Educação: Ressignificando e politizando a raça. **Cedes**, Campinas, v. 33, n. 120, p.727-744, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/05.pdf> . Acesso em: 19 abr. 2018.

HERMETO, Miriam. **Canção Popular Brasileira e Ensino de História**: Palavras, sons e tantos sentidos. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

JOHNSON, Ollie A.. Explicando a Extinção do Partido dos Panteras Negras: o papel dos fatores internos. **Caderno Crh**, Salvador, v. 15, n. 36, p.93-125, 2002. Tradução: Elizabeth S. Ramos. Disponível em: <https://rigs.ufba.br/index.php/crh/article/view/18631/12005>. Acesso em: 16 maio 2018.

LUCENA, Vinicius. **A questão da representatividade e o sucesso de “Pantera Negra”**: Especialistas comentam a representação de negros ao longo dos anos e o marco que o filme da Marvel representa. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/a-questao-da-representatividade-e-o-sucesso-de-pantera-negra/> . Acesso em: 14 abr. 2018.

LUNA, Ylena. 2014, “**Estudo sobre violência policial revela "racismo institucional" na PM de SP**”. São Paulo, SP. Disponível em: <https://lunatenorio.jusbrasil.com.br/artigos/114873464/estudo-sobre-violencia-policial-revela-racismo-institucional-na-pm-de-sp>>. Acesso em: 09 de junho de 2018.

MANDUME. Direção de Gabi Jacob. Produção de Raissa Fumagalli. Música: **Emicida**. São Paulo: Rotina, 2017. (9 min.), son., color. Participações especiais: Drik Barbosa/Rico Dalasam/Amiri/Raphão Alaafin/Muzzike.

MEC. Assembleia Legislativa. **Diretrizes Curriculares Nacionais Para Educação das Relações Étnico-raciais e Para O Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília, DF, Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf> . Acesso em: 19 abr. 2018.

NOGUEIRA, Paulo. O maior protesto da história das Olimpíadas. 2012, **Diário do Centro do Mundo**. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-maior-protesto-da-historia-das-olimpiadas>. Acesso em: 30 set. 2018.

PANTERA Negra. Direção de Ryan Coogler. Produção de Kevin Feige. Realização de David J. Grant. Roteiro: Joe Robert Cole. Música: Ludwig Göransson. Burbank: Marvel Studios, 2018. (134 min.), son., color.

PASSOS, Joana Célia dos. **A Juventude Negra na EJA: Os desafios de uma política pública**. 2010. 339 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Cce, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93904?show=full>. Acesso em: 23 abr. 2018.

PLANALTO. Congresso. Senado. Constituição (2003). Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003.: Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 19 abr. 2018.

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS. CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução n.02/2010**. Estabelece Normas Operacionais Complementares em conformidade com o parecer CNE/CEB no. 06/2010, Resoluções

CNE/CEB no.02/2010 e n.04/2010, que instituem as Diretrizes Gerais e Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/22_05_2012_9.07.54.4dd7c915407c29618e1ac0d2900ba463.pdf>. Acesso em: 23 de abril de 2018.

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes para a implementação do Plano de Curso da Educação de Jovens e Adultos da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.** Florianópolis, 2012.

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Traduzindo em Ações:** das diretrizes a uma proposta curricular. Florianópolis: Departamento de Educação de Jovens e Adultos, 2012. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/28_09_2011_0.09.55.b1a6cdf932db0030fa4d94cfbab48bd3.pdf>. Acesso em: 23 de abril de 2018.

VARELLA, Thiago. Brancos são menos da metade da população pela primeira vez no Brasil. 2011, **UOL Notícias**, São Paulo. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/04/29/brancos-sao-menos-da-metade-da-populacao-pela-primeira-vez-no-brasil.htm>. Acesso em: 30 de set. 2018.